

Capítulo 4 – A vida segue pelo meio?

Esta não era a primeira aventura dos Heróis de Dalrag e por isso já tinham visto a morte de perto, no entanto, pela primeira vez um membro do grupo havia morrido em combate. O labirinto impunha sua moral e imponência, demonstrando o porquê ninguém ainda havia saído vivo de lá. Todos reagiram à morte do anão com profunda tristeza com exceção de Maliha. A jovem humana também estava triste, mas parecia encarar a morte de maneira diferente, ela ajoelhou-se sobre o corpo do anão e rezou em tom baixo e triste, mas imponente, pedindo a Mowendrus que protegesse a alma de seu amigo.

Baliak surpreendeu e reagiu de forma enérgica. Inicialmente gritou com Nitia, culpando-a pela morte do amigo. Ela o ignorou e sentou-se próximo ao corpo do anão, contendo um choro decepcionado, demonstrando a tristeza por não ter conseguido salvar seu amigo. Baliak continuou gritando e maldizendo o anão, culpando-o pela sua teimosia e afirmando que ele havia morrido em vão.

__Ele não morreu em vão! – respondeu Lariata, segurando fortemente o meio-elfo e olhando profundamente em seus olhos. Ela também chorava, pois fora criada entre os anões e a morte de Baraz lhe era especialmente dolorosa. – Ele morreu em honra aos seus antepassados. Morreu para nos proteger! – Baliak abaixou a cabeça. Reagiu de maneira ambígua, parte como um jovem humano, que se sentia revoltado e sedento por vingança, parte como um elfo, que se sentia desamparado como se nunca estivesse pronto para encarar a morte. O meio-elfo olhou para o corpo do anão e disse:

__Também foi culpa minha, eu o provoquei tanto que ele fez isso para provar seu valor.

__Há muito que você precisa aprender sobre os anões, Baliak. – respondeu Lariata. – De fato, ele fez isso para provar seu valor, mas não a você! Fez em memória a seus antepassados, foi uma morte honrosa e em local valoroso.

__Vamos, componham-se! Todos sabiam dos riscos. Realmente foi uma grande perda, mas não podemos ficar aqui chorando ou logo nos juntaremos a ele! O que faremos agora? – disse Arthins, tentando elevar a moral do grupo.

__Temos que enterrá-lo conforme os ritos de seu povo. – respondeu Maliha. – Assim sua alma descansará em paz e encontrará os seus semelhantes mais rapidamente.

__E como é isso? – perguntou Baliak.

__Temos que enterrá-lo, preferencialmente em solo rochoso. – respondeu Lariata.

__Como faremos isso? Sequer temos picaretas! – disse Arthins.

__Eu sei uma maneira. – respondeu Baliak. – Conheço uma magia, mas precisarei usar a energia de seus corpos.

Todos concordaram prontamente, mas antes se puseram a reverenciar o anão, antes que Baliak fizesse sua magia. Todos se aproximaram do corpo para se despedir do amigo, apenas Maliha não o fez, permanecendo rezando silenciosamente. Assiral foi o primeiro a se aproximar, tocou o anão na testa e disse algumas palavras em élfico em tom baixo. Levantou-se, apertou Baliak no ombro e disse em voz alta:

__Um dia nós iremos beber na memória deste grande anão!

Em seguida veio Arthins, que pegou o machado do anão e levantou-o dizendo.

__Amigo, voltarei a usar meu martelo apenas após derrubar uma criatura com seu machado. – assim, prendeu seu martelo em sua mochila e afastou-se com o machado em punho.

Tsuguo chegou mancando, ajoelhou-se e disse algumas palavras em sua língua natal. Depois se levantou e disse aos demais olhando o corpo do anão:

__Para meu povo, aquele que morre nos ensina sobre a finitude e a impermanência de nossas vidas. Espero que aprendamos em tempo a lição que Baraz-Bund veio nos ensinar, para que assim sua vida não tenha sido perdida em vão. – ao dizer isso, Tsuguo curvou suas costas até um ângulo de sessenta graus, em reverência ao amigo. Ele mantinha-se em silêncio a maior parte do tempo, mas sabia escolher bem as palavras, demonstrando que fora bem educado nos preceitos de seu povo.

Joukthups veio em seguida. Também se aproximou do corpo do anão, disse algumas palavras em élfico e as repetiu em comum, para que todos pudessem entender:

__Este era o anão mais respeitável que conheci. Descanse em paz, amigo.

Lariata, que fora educada entre os anões, se aproximou e com um pano aseou a barba do anão dizendo:

__Se é para reencontrar entes queridos, melhor ir com a barba arrumada. Beberemos uma grande caneca de conhaque em sua memória!

Nítia-Gandriel aproximou-se ainda abatida e cansada e após tocá-lo na testa, disse duas palavras em élfico, que apenas Assiral e Joukthups puderam entender, “Me desculpe”. Em seguida levantou-se silenciosamente abrindo espaço para Baliak.

__Irei honrá-lo como merece, Baraz. – disse o meio-elfo estendendo a mão aos demais que se tocaram mantendo um elo de união com o meio-elfo. Baliak não era um grande mago como Joukthups, mas sabia algumas magias. Se todos mantivessem contato, ele poderia moldar pedra, possibilitando o enterro do anão. Convocou a magia e abriu um buraco com cerca de dois metros de profundidade, logo abaixo onde estava estendido o corpo. Em seguida, convocou nova magia e cobriu o corpo com o piso que estava à volta, moldando o terreno a seu gosto. O complicado procedimento não consumiu energia de Baliak apenas, mas de todo o grupo. Por fim, Joukthups lançou outra magia e, na língua dos anões, esculpiu a pedra onde jazia o corpo:

“Aqui jaz Baraz-Bund, um anão fiel e honrado.”

Após alguns minutos de descanso, o grupo voltou à jornada, com o ânimo abalado. Sem o anão para guiá-los e avisa-los dos perigos na escuridão da caverna, organizaram-se de maneira diferente. Arthins e Maliha seguiram na frente, Lariata e Assiral na retaguarda. Os demais seguiram no meio auxiliando Tsuguio, que estava melhor, mas ainda demonstrava algumas dificuldades.

Agora que haviam derrotado as criaturas, atravessaram silenciosamente a ponte que possuía cerca de meio quilômetro. O abismo abaixo parecia ser enorme, apesar de ser possível ouvir sons de água corrente nas profundezas. Sabiam que se fossem atacados ali, sofreriam perdas ainda maiores, por sorte isso não aconteceu. Ao acabar a travessia, caminharam por mais alguns metros e depararam-se com outra encruzilhada em forma de Y, novamente teriam que escolher o caminho.

__Acredito que devemos ir para esquerda novamente. Baraz-Bund disse que não estávamos andando em círculos. – disse Lariata. O grupo concordou, pois ninguém parecia animado o suficiente para discutir. Avançaram mantendo a formação por um corredor estreito e comprido, onde Arthins e Maliha seguiam ombro a ombro. Após fazerem uma curva para direita avistaram uma porta entreaberta, com uma tênue luz em seu interior,

revelando que talvez a construção pudesse ser habitada. Aparentemente esse túnel os levava a um local isolado da cidade, para uma construção escavada na pedra e não construída em salões e cavernas naturais. Arthins fez menção de que continuaria avançando, mas Maliha sinalizou para que parasse e com uma tocha mostrou algo no chão. Eram curiosas pegadas a direita e esquerda, onde havia um chão de terra, e não de pedra como em todo o percurso até então. As pegadas pareciam de botas não maiores do que as usadas por elfos, humanos ou anões.

__Não sei ao certo o porquê, mas algo me diz que não devemos desconsiderar essas pegadas. – disse Maliha.

__São só pegadas, não? – perguntou Nitia.

__Aonde tem pegada tem pé e aonde tem pé tem alguém! – respondeu Arthins.

__Não é apenas isso. Acho que devemos escolher por qual caminho prosseguir. As pegadas aparecem do nada, por que de repente o chão é de areia e não de pedra como todos os outros lugares? – disse Maliha.

__Não seja ridícula. São apenas pegadas! – respondeu Arthins, querendo avançar.

__Não avance, Arthins! – interrompeu Joukthups. – Deixe-me descobrir se a desconfiança de Maliha é verdadeira. – Dizendo isso, Joukthups convocou uma magia e disse decididamente:

__De fato há uma magia nesse local e aposto que também uma armadilha.

Tsuguo e Baliak procuraram por algum mecanismo da suposta armadilha, mas não encontraram nada. Mesmo assim, o grupo não estava confiante para continuar avançando.

__Maliha, parece ser um bom momento de usar sua magia para que escolhamos o caminho correto. – disse Tsuguo.

__Não acham que devemos procurar por outros caminhos? Não acredito que estamos prontos para seguir por esse corredor. – disse Nitia.

__E por que diz isso? – perguntou Baliak.

__Porque naturalmente não sabemos por qual caminho seguir, deixamos tantos para trás. Devemos explorá-los antes para descobrir pistas. Não acham que avançamos demais nesse labirinto, seguindo sempre pelo lado direito? – respondeu a elfa.

__Exatamente por isso devemos seguir, Nitia. Eles não estarão esperando nossa vinda! – respondeu Arthins segurando firmemente o machado de Baraz-Bund.

__Não sei. Sinto um mau presságio. Acho que já vimos morte suficiente por hoje. – respondeu a elfa.

__Você sempre sente um mau presságio. – disse Baliak. – Vamos Maliha, escolha o caminho, temos que vingar nosso amigo!

__Foi justamente esse pensamento que acelerou a morte de Baraz-Bund. – respondeu Nitia.

__Vamos, não seja covarde! – respondeu Baliak. – Cruzamos aquela ponte para explorarmos esse caminho! A morte de Baraz-Bund não foi em vão!

O grupo manteve-se separado. Era claro que ainda não existia um líder entre eles e a recente perda de Baraz-Bund mantinha os ânimos a flor da pele. Lariata, Arthins e Baliak preferiam seguir o caminho, já Nitia e Joukthups foram contrários enquanto Assiral, Tsuguo e Maliha se mantiveram neutros. Como o trio se mantinha resolutos na decisão e ameaçava seguir sozinho, o grupo cedeu na esperança de manter-se coeso.

__Qual caminho devemos seguir, Maliha? Não temos o dia todo. – disse Baliak impaciente. Maliha fez então uma magia, a mesma que havia lançado logo que entraram no labirinto. Em seguida disse aos demais:

__Sinto que a vida segue pelo meio.

__Como assim a vida segue pelo meio? – perguntou Baliak.

__Quer dizer que se seguirmos pelo meio, exatamente entre as duas pegadas, permaneceremos vivos. – respondeu a jovem.

__Isso quer dizer que teremos que andar em fila e não mais em duplas, nos deixando mais vulneráveis. – disse Nitia, que já não conseguia esconder seu medo.

__Não comece! – esbravejou Baliak. – Eu irei à frente. Fiquem aqui, inclusive você Tsuguo, pois ainda está ferido. Verei o que tem naquele lugar. – Lembrando-se das palavras de Maliha, Baliak seguiu furtivamente pelo meio e sem a tocha visto que o interior estava claro. Caminhou cerca de trinta metros e quando estava a cerca de dois ou três da porta escutou murmúrios, aparentemente vozes que gemiam sem dizer nada inteligível. Sentiu um calafrio correr por sua espinha, respirou profundamente e foi em frente, dominado pela ânsia de vingar seu amigo. Aproveitou que a porta estava entreaberta e observou silenciosamente o interior, avistando cinco peculiares zumbis. Geralmente os zumbis eram criados a partir dos corpos de humanos, já estes foram criados com os corpos

de anões mortos. Eram truncudos e fortes, suas barbas eram ralas, frágeis e secas, prendendo-se com dificuldade aos rostos putrefatos. Usavam machados, aparentemente os mesmos de quando vivos. Juntamente aos cinco zumbis havia uma figura enorme, armada com uma espada de duas mãos e vestindo uma armadura de placas. Este fora um humano enquanto vivo, possivelmente um grande guerreiro ou cavaleiro, visto que sua armadura era grandiosa e sua espada pesada. Media quase dois metros, e sua face não podia ser vista, pois era escondida por um elmo fechado, apenas seus olhos vermelhos destacavam-se sinistramente, aprofundando o medo em Baliak. O odor de corpos em putrefação cobria o ambiente.

Desta vez Baliak resolveu voltar ao grupo que o esperava ansiosamente com suas armas em punho. Ao retornar, ocultou quanto à presença do grande cavaleiro, pois seu desejo era vingar o anão a qualquer custo e não queria pensar na possibilidade de recuar agora. Quando chegou, disse:

__É somente um bando de zumbis.

__Quantos? – perguntou Maliha, interessada.

__Seis.

__Podemos dar conta deles. – concluiu Maliha.

__E o faremos em memória à Baraz-Bund! – disse Arthins empunhando o machado do anão.

__Havia somente zumbis lá dentro? O caminho terminava ali? – perguntou a medrosa Nitia.

__Não sei dizer, não pude ver tudo lá dentro. Por que? Está com medo? – perguntou Baliak, provocando.

__Não é o caso. É porque se não há nada lá, não vejo motivos para nos arriscarmos. – respondeu a elfa.

__Não tema, estaremos fazendo o bem ao destruir essas criaturas. – respondeu Baliak – Como Maliha disse, nós podemos com eles. – o grupo concordou e Baliak começava a despontar como líder enquanto o sentimento de perda do amigo era recente. Arthins seguiu na frente, seguido por Lariata e Assiral, em seguida vinha Tsuguo, Maliha e Baliak e por fim, Joukthups e Nitia. Todos avançaram com armas em punho, e Assiral trazia o machado do anão nas mãos, apesar de seu martelo ser mais eficiente nesse

momento. Tuguio era o único a avançar com o arco em punho, apesar de preferir lutar com a katana, pois seus amigos pediram que ele ficasse recuado, porque ainda estava ferido. Avançaram em fila indiana tentando ser furtivos, porém as armaduras, principalmente de Lariata, faziam grande barulho no corredor. Mesmo assim, não perceberam qualquer reação vinda por de trás da porta. Quando estava próximo o suficiente, Arthins empurrou a porta e correu para dentro e o resto do grupo o seguiu instantaneamente. Mesmo assim, as criaturas não foram pegas de surpresa e cinco anões zumbis já se encontravam próximos a porta com machados em punho. Atrás deles havia um figura grandiosa, um morto vivo de olhos vermelhos cuja simples presença gerava medo em todos, era o cavaleiro que Baliak havia omitido. Arthins avançou sobre um dos zumbis, gritando:

__Há um cavaleiro! Por Baraz!

Lariata e Assiral entram em seguida, avançando sobre outros zumbis, assim como Baliak brandindo sua espada. Maliha ficou recuada e quando notou o cavaleiro, disse a si mesma controlando o medo:

__Por Mowendrus! Um cavaleiro da morte!

O combate foi encarniçado. Arthins avançou ferozmente para o flanco direito, e após dois golpes de machado derrubou um dos zumbis, insatisfeito com a eficiência da arma, largou-a no chão e sacou seu martelo. Enquanto isso, Baliak estava no flanco esquerdo, lutando com dificuldades contra um zumbi, havia sido atingido, mas também infligira dano na criatura. Assiral e Lariata lutavam no centro, estando Assiral mais próximo de Baliak e Lariata entre Assiral e Arthins. O elfo lutava ferozmente contra dois zumbis e mesmo ferido parecia vencer a batalha. Dentre todos, Lariata estava em pior posição. Lutava contra um zumbi e ainda contra o enorme cavaleiro e sua poderosa espada. Tsuguio disparava flechas, atingindo-as sem grande efeito. Nitia lançava pequenos projéteis de gelo, tentando auxiliar Lariata, o mesmo fazia Joukthups, lançados pequenas bolas de fogo. Maliha estava concentrada, preparando uma forte magia.

Enquanto Arthins trocava de arma, Lariata recebeu um golpe fulminante do cavaleiro que fez um profundo corte profundo na altura do peito da guerreira, ela gemeu de dor e só não tombou fatalmente graças a sua armadura de metal, que absorveu boa parte do impacto, mesmo assim ela ficou atordoada e sem reação. Com isso, recebeu um golpe do zumbi, que foi forte o suficiente para derrubá-la inconsciente. Arthins enfureceu-se e

golpeou com seu enorme martelo o zumbi que derrubou a guerreira, esmagando-o fatalmente. Ao ver a força de Arthins, o cavaleiro investiu contra ele. Joukthups e Nitia voltaram suas magias contra um dos zumbis que lutava contra Assiral, que resistia com habilidade apesar de ferido.

De repente, a magia de Maliha surtiu efeito. A conjuração terminou em uma palavra de ordem que estremeceu os zumbis, derrubando fatalmente um dos que lutava contra Assiral. Enquanto isso, Baliak tinha dificuldades de sobrepujar seu oponente e seguia trocando golpes que não surtiam grande efeito. Tsuguo estava se contendo, ele queria engajar no combate corpo a corpo, vez que suas flechas eram ineficientes contra as criaturas, mas se conteve ao ver Lariata tombando, pois sabia que não resistiria a um golpe como aquele.

A magia de Maliha trouxe certa vantagem para os heróis, mas não para Arthins que lutava sozinho contra o cavaleiro. Arthins ainda não havia sido atingido, mas sabia que não era páreo para o cavaleiro e sentia que sua sorte não duraria muito tempo. Enquanto isso, Assiral derrubou um outro zumbi e Maliha sacou sua maça de guerra e ajudou Baliak a derrubar o último zumbi.

Nesse momento restava apenas o cavaleiro, que recuou ao ver-se sozinho contra um grupo de sete grandes guerreiros e colocou-se rente à parede do canto do aposento, impossibilitando assim de ser completamente cercado. Apesar da desvantagem numérica, ele se mostrou um grande oponente. As magias de Nitia e Joukthups pareciam se desfazer na armadura da criatura e apenas duas pessoas conseguiam lutar contra ele: Assiral e Arthins. A dupla lutava corajosamente, mas não conseguia feri-lo gravemente e a situação se agravou quando Assiral foi atingido no peito por um golpe do cavaleiro. Joukthups percebeu que a luta estava a favor do morto-vivo e ordenou que recuassem na esperança de que a criatura caísse na armadilha das pegadas:

__Voltem pelo corredor! Rápido! Temos que usar o terreno a nosso favor! – O grupo logo atendeu ao chamado. Maliha e Baliak pegaram Lariata e recuaram, seguindo em linha indiana pelo meio. Nitia e Joukthups os seguiram, acompanhado de perto por Tsuguo que já havia gasto uma dúzias de flechas sem grande sucesso. Assiral recuou em seguida, juntamente com Arthins. O cavaleiro os seguiu, ele também estava ferido, tinha um

esmagamento na altura do torso que fora provocado pelo martelo de Arthins, porém isso não o impedia de seguir os aventureiros com inabalável ferocidade.

O grupo correu pelo corredor com o cavaleiro em seu encaço. A criatura também passou entre as pegadas, frustrando Joukthups e não parou de avançar, teriam que continuar lutando, mas ao menos estavam em um local mais largo, onde o cavaleiro não possuía um canto para se proteger. Quando a criatura apontou no corredor, Maliha e Baliak deixaram Lariata atrás do grupo e todos se posicionaram para o combate, o qual parecia não ter fim. Arthins e Assiral seguiram novamente na frente. O cavaleiro reagiu rapidamente e com um poderoso golpe de espada derrubou Assiral. O golpe foi de tamanha ferocidade que enorme quantidade de sangue espirrou do peito elfo e por um momento tiveram a impressão que ele havia sido partido em dois. O elfo caiu sem reação e sequer gemeu de dor. Baliak e Maliha avançaram imediatamente, dando chances para Nitia tentar salvar o amigo. Ao ver dois amigos inconscientes a seus pés, a elfa percebeu a gravidade da situação. Lariata estava desmaiada e não perdia muito sangue, mas não reagia, já Assiral estava prostrado e uma poça de sangue crescia a sua volta. Ele morreria rapidamente se ela não agisse.

Nitia olhou de relance para o cavaleiro e por pouco não foi vencida pelo pânico ao ver a criatura que parecia resoluta e imbatível. O que manteve seu autocontrole foi o pensamento de que seus amigos precisavam de suas curas. Ela se sentia cansada e consciente de que não poderia convocar nova magia de cura caso outro amigo fosse ferido. No entanto, o fanfarrão Assiral parecia estar em seus últimos segundos de vida e por isso ela tocou o ferimento do elfo, conjurando as palavras mágicas para Natusiest. A conjuração de uma magia de cura demora alguns segundos, que neste momento passavam como uma década.

Assim que Assiral tombou, Arthins aproveitou e acertou com seu martelo um poderoso que derrubaria uma parede, mas que sequer atordoou o cavaleiro. Com o impacto a armadura da criatura rachou, revelando que a pele do cavaleiro parecia uma carne fétida e pútrida. Apesar disso, o cavaleiro não demonstrou dor alguma e avançou enfurecidamente sobre Arthins, que era o único a oferecer uma resistência real. Maliha e Baliak foram ignorados e golpeavam a criatura causando apenas ferimentos superficiais. Durante todo esse tempo Joukthups lançava bolas de fogo, mas estava cansado demais para usar uma grande o suficiente para derrubar o cavaleiro que acabou acertando Arthins com força

semelhante a usada contra Assiral. Um corte profundo se abriu no peito do homenzarrão, que desabou no chão.

O desespero começou a tomar conta do grupo. Todos os guerreiros haviam tombado, e os magos que restavam estavam cansados demais para lançar magias poderosas. De pé estavam Nitia, uma druidisa sem forças para lançar magias de cura, Joukthups, um mago igualmente exausto, Maliha e Baliak, que também sabiam lançar magias, mas que não eram eficientes em combate corpo a corpo. Ainda estavam em grande vantagem numérica, mas sentiam que eram cinco moribundos contra um imortal inabalável. Nesse momento Tsuguio largou seu arco e sacou sua katana em uma investida suicida contra o cavaleiro. Enquanto isso, o cavaleiro golpeou Baliak verticalmente, que defendeu com sua espada, mas o golpe foi com tamanha força que a espada escapou das mãos do meio-elfo e o cavaleiro ainda conseguiu provocar um corte no peito do meio-elfo, que caiu inconsciente no chão. Ao mesmo tempo, Maliha acertou sua maça de guerra no flanco do morto-vivo, novamente expondo a carne fétida no interior da armadura. Finalmente, os que ainda estavam de pé, tiveram a impressão que a criatura demonstrava sinais de fragilidade. Enquanto isso as magias de Joukthups atingiam-no sem causar grandes efeitos.

Apesar de ferido, Tsuguio reagiu com velocidade incrível, pois seus anos de treinamento o fez se acostumar com a dor. Ao ver o cavaleiro voltar-se contra Maliha, ele aproximou-se rapidamente, com sua katana gritando estridentemente para atrair sua atenção. O código de conduta do homem-do-norte o impedia de permitir que uma mulher fosse morta em combate antes que ele, com isso, ele reagiu sem hesitação. Com agilidade e força ele golpeou a perna do cavaleiro e só não a amputou graças a espessa armadura que protegia sua carne putrificada. Com a perna fraquejada, o cavaleiro caiu por um instante. Aproveitando o momento, Maliha acertou mais um golpe, desta vez no ombro do cavaleiro, próximo a sua cabeça. O sangue decomposto e fétido escorria agora por seu peito e pernas, ele estava visivelmente ferido, mas como era de conhecimento de Maliha os morto-vivos são imunes a dor. Ele estava encurvado tentando recuperar o equilíbrio, com a cabeça baixa, pernas dobradas e costas à mostra, dando a impressão de que iria tombar. Tsuguio preparava mais um golpe fatal, com a intenção de decepar a cabeça do cavaleiro, quando o morto-vivo reagiu e com um golpe feroz e rápido, golpeou de baixo para cima, fazendo um poderoso gancho com a espada que cortou o peito de Tsuguio, abrindo novamente seus

ferimentos. O homem-do-norte caiu dois metros para trás, tentou levantar, mas enfraqueceu-se e desabou.

Nesse momento, Nitia arrastava o corpo de Baliak, tentando tirá-lo de perto daqueles golpes mortais. Ao ver Tsuguiio tombar pela segunda vez no mesmo dia sua covardia deu lugar a uma fúria alimentada pelo desespero. Deixou o corpo de Baliak e sacou seu machado, avançando em direção ao cavaleiro. Maliha havia golpeado novamente o cavaleiro, mas parecia que nenhuma força seria capaz de derrubar aquele poderoso morto-vivo. Joukthups estava exausto, mas correu para o flanco, distanciando-se de Maliha e Nitia, para lançar uma última magia desesperada.

Após o golpe de Maliha o cavaleiro golpeou a necromântica, mas sem a mesma eficiência das outras vezes, pois ele estava com dificuldades em golpear, visto que sua perna e sua dilacerada armadura dificultavam seus movimentos. Mesmo assim, o golpe foi forte o suficiente para estremecer Maliha, que sentiu um frio correr por sua espinha. Um medo mortal, pois sabia que não resistiria a outro como aquele.

Nitia avançava com seu machado em punho quando ouviu uma voz imponente.

__*Arcnus Ignis!*

A voz era de Joukthups e foi seguida por um clarão que passou próximo a Nitia, esquentando o ar a sua volta. Era uma enorme bola de fogo que atingiu o cavaleiro, tostando sua carne fétida e pútrida. A criatura gritou aterrorizada e tombou sonoramente, exalando um odor que provocava náusea e certa tontura. Apesar de ser uma jovem necromântica, Maliha parecia acostumada com o cheiro e apesar da criatura aparentar estar morta, ela não hesitou e o golpeou duas ou três vezes no peito e cabeça, mas o cavaleiro não ofereceu nenhuma resistência.

O grupo havia vencido, mas a um alto preço. Olharam a sua volta e todos estavam no chão, até mesmo Joukthups que foi o primeiro a receber assistência de Nitia. Olhando para os corpos dos seis amigos a sua volta, Maliha disse:

__Maldito seja, Baliak! Veja a situação em que nos colocou!

__Irresponsáveis. Tenho dito! Irresponsáveis! – respondeu Nitia-Gandriel. A única que saíra ileso do combate.

__O que houve com Joukthups? – disse Maliha analisando o arcano. – Ele não foi atingido.

__Sua última magia exigiu mais energia do que ele podia fornecer e por isso desmaiou de exaustão. Ele se arriscou para nos salvar! Não há muito que podemos fazer por ele, a não ser esperar que seu organismo resista ao cansaço. Agora, temos que nos preocupar com os demais.

Elas olharam a volta e era difícil dizer quem estava em pior situação, pois todos sangravam perigosamente, especialmente Tsuguiou. Baliak, Lariata e Arthins também estavam desmaiados. No entanto, Assiral gemia, quase acordando. Estavam todos muito feridos, e a druidisa não possuía energia suficiente para curá-los com sua magia. De sua mochila tirou um kit de primeiros socorros e fez bandagens em Tsuguiou, contendo o sangramento. Em seguida fez o mesmo em todos, com exceção de Joukthups. Com a ajuda de Maliha carregou os amigos até o aposento onde encontraram os zumbis e o cavaleiro, pois era preferível conviver com o odor fétido e nauseante dos zumbis, do que ficar desprotegido naquele corredor. Além disso, o aposento possuía a proteção da armadilha. Após cerca de quinze minutos Assiral e Joukthups acordaram quase ao mesmo tempo.

__O que aconteceu? Que fedor é esse? – perguntou Assiral.

__Estamos no aposento do cavaleiro. Vencemos a batalha, mas a um grande custo. Você está bem Joukthups? – perguntou Nitia.

__Estou fraco, mas sobreviverei. – respondeu o mago. – Vocês conseguiram mata-lo depois de minha magia?

__Você o matou Jouk. Obrigada. – respondeu Nitia em voz suave, passando a mão na cabeça do amigo, que permanecia baixa e abatida.

__Hei, hei. Não lhe dê todo o crédito. Lembro-me bem de acertar algumas espadadas naquela coisa! Por que não recebo nenhum afago? – disse Assiral, tossindo, mas sem perder a chance de provocar a bela elfa.

__Você também lutou bem. – disse Nitia olhando-o com um sorriso. – Pensei que ia perder todos vocês. – Assiral preparava mais uma resposta provocativa, quando Maliha o interrompeu.

__O que faremos? Não temos como continuar essa aventura. Temos quatro amigos desmaiados e o anão está morto.

__Acordaremos os demais e procuraremos abrigo em Bringth. Precisamos descansar e de mantimentos para continuar a viagem. – disse Joukthups.

__Eu preferiria fazermos defesas nesse quarto e continuarmos assim que estivermos capazes. – disse Assiral.

__Você só pode estar brincando! – respondeu Nitia. – Tomamos a maior surra de nossas vidas! Temos que desistir. Não sei nem se conseguiremos sair vivos desse labirinto.

__Temos que prosseguir. O povo de Bringth espera por nossa ajuda. – respondeu Joukthups. – Temos que descansar um pouco e mantê-los vivos até que você esteja descansada o suficiente para que possa curá-los. Pode usar nossa energia para acelerar o processo. Assim que tivermos de pé voltaremos para Bringth e descansamos em maior segurança.

__Vocês magos podem usar nossa energia para fazer magias? – perguntou Assiral.

__Sim, desde que haja consentimento do outro. O que acha da proposta Maliha? – perguntou Joukthups.

__Concordo com você. Vamos nos recuperar minimamente aqui e voltar para Bringth. Nas próximas vezes não devemos colocar Baliak para averiguar o que há na frente.

__Esse meio-elfo está se mostrando um verdadeiro moleque. – disse Joukthups.

__Será que ele não identificou o cavaleiro? – perguntou Nitia.

__Impossível, a mera presença do cavaleiro gera medo. Além disso, suas armas e armaduras são únicas. – disse Maliha.

__Também acho pouco provável que ele não tenha percebido. – disse Assiral. – Ele apenas queria vingar Baraz-Bund. Estamos todos vivos, acho que devemos esperar a reação dele antes de culpá-lo. Acredito que ele aprendeu a lição.

__E como sabe que está arrependido? – perguntou Maliha.

__Já fui como ele. Agora ele está aprendendo que uma aventura em uma masmorra é mais perigosa e exige mais responsabilidade do que todos os trabalhos que ele já fez antes. Sua atitude colocou o grupo inteiro em risco. Por sorte sobrevivemos.

__Não é por menos que ninguém sai vivo desse lugar. Pobre Baraz-Bund. – disse Nitia, cabisbaixa.

__Triste realmente... – disse Assiral. – Digam-me o que encontraram no aposento?

__Nada ainda, nós ainda não revistamos os corpos. Estávamos preocupados em curar vocês. – disse Nitia.

__Não é preciso se preocupar mais comigo, minha bela. Estou pronto para outra batalha. – disse Assiral levantando-se com dificuldades.

__É visível. – disse Nitia contendo risos. Assiral caminhava cambaleante usando a espada como um cajado e revistando o ambiente. Em um baú escondido no canto do aposento encontrou cerca de quinze peças de ouro, o equivalente a mil e quinhentas peças de cobre. Esse valor era uma pequena fortuna, muitos camponeses trabalhavam a vida inteira e não conseguiam juntar dez peças de ouro. Com essas moedas era possível comprar equipamentos e poções mágicas. No mesmo baú, Assiral encontrou uma poção azulada que levou até Joukthups.

__Veja o que encontrei. – disse mostrando a poção ao arcano. Joukthups analisou o conteúdo e disse com um rosto satisfeito.

__ Ótimo! É uma poção de cura. Dê ela a Tsuguo. Ele parece estar precisando.

Maliha fez questão de dar a poção ao homem-do-norte, sentia que estava viva graças a seu sacrifício. Olhou para aqueles adormecidos olhos puxados e para aquela misteriosa face escondida pelo pano cuidadosamente preso nas laterais. Pensou em ver seu rosto, mas sentiu compaixão e respeito pelo homem-do-norte quando reparou que sua respiração era ofegante e inconstante. A jovem concluiu que seria uma covardia aproveitar de seu salvador naquela situação. Após fazê-lo beber o líquido azulado o homem-do-norte acordou, mas ainda mais ferido do que antes de enfrentar o cavaleiro.

__Agradeço pela ajuda, senhora Maliha. Pensei que hoje iria juntar-me aos meus antepassados.

__Eu que agradeço Tsuguo. Seu sacrifício na batalha permitiu nossa vitória, e principalmente que eu ainda esteja viva. – disse Maliha entregando a katana ao homem-do-norte. Sua pele branca quase brilhava na penumbra do aposento e seus olhos amendoados estavam fixos em Tsuguo. A jovem necromântica aprendia a admirar o misterioso homem-do-norte. Ele desviou o olhar, dizendo.

__Não fiz mais do que minha obrigação. Eu não podia permitir que a senhora tombasse antes de mim.

__Nós não revistamos o cavaleiro. – disse Assiral desviando a atenção e quebrando o clima. O elfo estava com ciúmes porque uma mulher demonstrava interesse por outro que

não ele mesmo. – Verifique lá, Tsuguio. – O homem-do-norte fez menção de se levantar, mas Maliha se adiantou:

__Pode deixar, eu vou. – A jovem cruzou o corredor caminhando pelo meio e sem pudor ou mesmo náuseas revistou o corpo semi-cremado e dilacerado. Era espantoso ver a intimidade daquela jovem com os mortos, parecia que a morte era-lhe algo natural e os mortos eram tratados como os vivos. Estar vivo ou morto a ela era simplesmente indiferente assim como o estado do cadáver que tocava. No corpo encontrou uma estranha e grossa chave marrom de pedra, sendo bastante pesada e seu comprimento era um pouco maior do que a palma de sua mão. Maliha também era uma usuária de magia e sentiu que havia um encantamento sobre a chave, apesar de não ser capaz de identificá-lo. Levou-a para Joukthups, maior especialista de objetos mágicos.

__Interessante chave, Maliha. – o arcano pensou em voz alta. – Não consigo identificar a magia que foi utilizada, mas não acredito que seja uma maldição, porque se fosse você estaria amaldiçoada agora. Se não for problema para vocês, gostaria de ficar com ela. – disse Joukthups olhando para os demais que concordaram com naturalidade. À medida que o tempo passou, Nitia e o grupo descansaram e logo a elfa pôde curar os outros. Várias magias foram conjuradas e a cena se assemelhava a um ritual. Primeiramente ela acordou Arthins, em seguida Lariata e por fim Baliak, quase uma hora depois. Todos ainda estavam feridos e cambaleantes, e permaneceram estirados no chão ou encostados na parede. Nem mesmo a magia de Nitia pôde curá-los por completo e seria preciso mais alguns dias para que eles ficassem como novos.

__Cure-me novamente. – insistia Baliak.

__É arriscado, disse Nitia. Não sou experiente o suficiente para usar mais de uma cura por dia em uma única pessoa. Se eu falhar posso matá-lo.

__Então o cure, Nitia. – disse Maliha. – Quem sabe assim estaremos em menor perigo. – Ninguém repreendeu Maliha, pois também estavam irritados com Baliak.

__Eu não vi o cavaleiro. Apenas os zumbis. – argumentou Baliak.

__Certamente. Então quer dizer que você sabe contar, mas não sabe ver a diferença entre um zumbi e um cavaleiro da morte? – respondeu secamente a necromântica. – Você está em grupo e suas decisões individuais não podem ser impostas a todos. Quase nos matou! – Baliak se calou, ficando cabisbaixo e em silêncio o restante do dia. Dormiram no

aposento, em um sono leve e desconfortável, acordando com dores no corpo e com o odor fétido que cobria o aposento e por isso acordaram quase tão fadigados quanto no dia anterior. Após um breve desjejum, decidiram caminhar rumo a Bringth, ignorando os caminhos ainda não explorados, pois precisavam descansar em local seguro para recuperar os ferimentos.